

# Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada

*Feuerbach criticism to religions in defense of the integral human and non-instrumentalized nature*

Regiany Gomes Melo\*

**RESUMO:** Ludwig Feuerbach, autor da *Das Wesen der Christentums*, fundamenta nesta obra sua crítica à teologia cristã a partir da consideração da alienação genérica que o homem promove a si mesmo, por se sentir limitado diante da natureza, submetendo-se à divindade com o intuito de superar suas limitações naturais. Evidenciamos no presente artigo que o autor, na obra referida, baseia-se exclusivamente no fator antropológico que é hipostasiado, absolutizado e mistificado pela religião cristã. Por esta razão, buscamos nas obras subsequentes, *Das Wesen der Religion* e *Vorlesungen über das Wesen der Religion*, articular a crítica que Feuerbach faz às religiões naturais com o intuito de afirmar a completude da essencialidade racional e sensível do homem, bem como da natureza vista como um ente autônomo ao qual o homem é vitalmente dependente. Para isso, abordamos a religião cristã na medida em que esta instrumentaliza a natureza para atingir seus fins em um mundo sobrenatural e, confrontamos esta às religiões naturais, que divinizam os entes naturais e, portanto, buscam preservá-los. Contudo, em ambas as crenças a natureza desaparece no nada, pois ela perde seu caráter originário e passa a ser mero suporte orgânico do homem. O objetivo do texto, é revelar a necessidade imediata do homem tornar-se consciente do ente que ele deve de fato sua existência: a natureza.

**Palavras-chave:** Religiões. Homem Integral. Natureza. Instrumentalização.

**ABSTRACT:** Ludwig Feuerbach, author of *Das Wesen der Christentums*, based this work in his criticism of christian theology from the consideration of the generic alienation that the man promotes itself, for feeling limited in front of nature, submitting to the deity in order to overcome its natural limitations. We show in the present article that the author, the work that, based exclusively on the anthropological factor that is hypostasized, absolutized and mystified by the christian religion. For this reason, we search on subsequent works, *Das Wesen der Religion* and *Vorlesungen über das Wesen der Religion*, articulate the criticism that Feuerbach do to the natural religions in order to affirm the entirety of rational essentialness and sensitive of the man, as well the nature being an autonomous entity to which man is vitally dependent. For this, we approach the christian religion that it exploits the nature to achieve their goals in a supernatural world and, confront this natural religions, which deify the natural beings and, therefore, seek to preserve them. However, in both beliefs nature disappears from nowhere, as it loses its original character and becomes merely an organic suport to man. The purpose of the text is to immediate reveal for man need to become aware of the entity that in fact it owes his existence: the nature.

**Keywords:** Religion. Integral Man. Nature. Instrumentalization.

\* Mestranda em Filosofia pela UFC.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p.224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

## O fundamento das religiões

Vemos, n'A *Essência do Cristianismo* (1841), a concepção feuerbachiana do princípio religioso fundado a partir de sentimentos como o medo, mas também, e principalmente, através dos sentimentos de dependência. A articulação da fundamentação de sua crítica está vinculada diretamente ao aspecto antropológico<sup>1</sup> que é hipostasiado, absolutizado e mistificado pela religião cristã. O autor mostra com isso que a essência do cristianismo nada mais é do que a essência genérica humana cindida do próprio homem e contemplada em um ser exterior a este. Ele conclui seu ponto de vista declarando que as religiões são expressões de uma patologia psíquica, devido a estes sentimentos de dependência e da formação de um ideal de si mesmo inferiorizado; e é, também, fruto da alienação da essencialidade humana e, portanto das potencialidades humanas, em um ser imaginário e transcendente à imanência real.

Subsequente *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach nos traz em *A Essência da Religião* (1846) e nas *Preleções sobre A essência da Religião* (1851), uma reflexão filosófica que tenta suprir a relação Homem-Natureza que, de certo modo, foi negligenciada pela obra de 1841<sup>2</sup>. No panorama d'A *Essência da Religião* há uma confirmação do que já vem sendo defendido pelo autor, in germen, nas obras anteriores, ou seja, o caráter eminentemente natural e sensível do ser humano, abrangido no conceito da *Sinnlichkeit*<sup>3</sup>. Todavia, inclui elementos para uma concepção de homem enraizado no mundo e, para uma filosofia natural que tem por base a natureza como um ente material ao qual o homem deve a sua existência. De maneira geral, o tema tratado na obra é “a religião na medida em que a natureza é objeto para ela”<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Todavia, Feuerbach não lança as bases de um antropocentrismo, ele visa restituir o lugar de direito do homem no mundo e na filosofia (ver: Serrão, Adriana. *A humanidade da razão: projeto de uma antropologia integral em Ludwig Feuerbach*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbekian, 1998). Elabora suas críticas tendo como propósito maior a fundamentação de uma nova filosofia (ver: FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*. In: Filosofia da Sensibilidade – Escritos (1839-1846). Trad. do alemão por Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa, Portugal: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.) e a atuação ativa do homem em sociedade, que visa o respeito da sua constituição natural e, de maneira geral, da natureza como um todo maior e onipotente. Para tanto, faz-se necessário empreender-se numa árdua busca pela emancipação da consciência humana.

<sup>2</sup> Sobre a natureza n'A *Essência do Cristianismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007; ver: Capítulo X – O mistério do misticismo ou da natureza em Deus, p. 109-119; Capítulo XI – O mistério da Providência e da Criação a Partir do Nada, p. 120-128 e Capítulo XII – O significado da Criação no Judaísmo, p. 129-135.

<sup>3</sup> “A par do estatuto ontológico e metodológico, a *Sinnlichkeit* adquire o estatuto de categoria antropológica central, o qual é mesmo o seu aspecto mais significativo, pois refere, antes de qualquer especificação, a unidade da própria natureza humana. Não deverá, portanto, ser entendida como a simples reabilitação de uma dimensão marginalizada e reprimida, submetida a uma depreciação secular. Nem pode ser considerada na continuidade da linhagem sensualista-empirista, tradição ao qual subjaz uma orientação gnosiológica e não a primazia antropológica e existencial que aufere no pensamento feuerbachiano”. SERRÃO, Adriana. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 170.

<sup>4</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 21.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

O autor elabora sua crítica evidenciando ora o aspecto utilitarista dado à natureza pelo cristianismo, neste “o homem exhibe indiretamente a sua aspiração ilimitada ao subjugar a natureza, diluindo assim a sua impotência real na potência absoluta do divino”<sup>5</sup> e, traz com isso a crença de que o homem deve sua existência não a natureza, mas ao ser divino; ora o caráter supranaturalista ou sobrenaturalista dado à natureza, tomado tanto pelo cristianismo como pelas religiões naturais em suas mistificações. Feuerbach mostra que a doutrina da natureza em Deus pretende fundamentar o deísmo a partir do naturalismo<sup>6</sup>, enquanto que no teísmo o ser divino é expressão apenas da essência do pensamento, dado pelo pensar e, portanto, é um ente do pensamento mesmo. A natureza, em ambas as crenças, desaparece no nada, e passa a ser mero instrumento de suporte orgânico<sup>7</sup>.

Na compreensão mitigada que o cristianismo e as religiões naturais fazem do mundo, a natureza não é entendida a partir de si mesma, mas por intermédio de uma sobrenaturalidade e de uma posterior subjetivação de sua constituição e do próprio modo como ela age sobre os homens. É por esse viés que a crença cristã institui um soberano que, como manifestação de sua própria potência, faz surgir todo o existente (transcendente e imanente); enquanto que a crença pagã acredita que os próprios efeitos naturais, que articulam os designios humanos, são personificações divinas. Na sequência de sua análise, Feuerbach interpreta e contrapõe as vertentes religiosas cristãs e pagãs e, nos revela que as religiões naturais, diferente do cristianismo, possuem um aspecto positivo que mostra a dependência do homem para com a natureza.

Na religião, a natureza é tomada por intermédio da abstração das leis de causalidade<sup>89</sup>, transmutadas em ações morais divinas (que podem atuar de forma benéfica ou maléfica); e por meio do acaso, que também interage na composição estrutural do mundo, mas que surge nas religiões em forma de mistificações dos fenômenos naturais, fundamento dos milagres<sup>10</sup>. Causalidade e acaso, aparentemente contrapostos, permeiam todo o estatuto dialético natural. As religiões com o ideal

<sup>5</sup> Serrão, Adriana. *A humanidade da razão: projeto de uma antropologia integral em Ludwig Feuerbach*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbekian, 1998, p. 267.

<sup>6</sup> Cf. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 116-117.

<sup>7</sup> Cf. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 51.

<sup>8</sup> Lei da causalidade ou lei da ação e reação, postulada e defendida pelo físico Newton (ver: Terceira Lei de Newton).

<sup>9</sup> O acaso (catastrófico, evolucionar e aleatório) opõe-se diretamente ao determinismo das leis causais e de uma teleologia filosófica e teologia supranaturalista. O acaso é enunciado pelo autor como ponto integrante da sua definição de natureza. Desse modo, podemos ver em Feuerbach que existem elementos que corroboram para a interpretação de uma “constante evolucionar”: “Pela força da própria natureza, ao longo dos tempos, a Terra foi evoluindo e cultivando-se de tal forma que finalmente formou para si características que a tornaram compatível com a existência do homem relacionado à natureza humana, foi assumido, por assim dizer, um caráter humano, estando a Terra em condições de gerar com suas próprias forças o homem.” FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 42. O acaso é articulado pela biologia evolucionar darwiniana em “*On the Origin of Species by Means of Natural Selection*” de 1859.

<sup>10</sup> Milagre é a “supressão das deficiências e dos limites da natureza”. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 97.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

criacionista se apoderam das abstrações das representações naturais para subordinar a própria natureza em suas intervenções miraculosas, sobrenaturais, e assim, coagir o homem a crer na divindade; o que é arduamente combatido pelo filósofo ao longo de sua vida.

Certamente essa crença na mistificação da natureza surgiu, na antiguidade, devido à incompreensão humana diante dos fenômenos naturais. Pois a “aceitação de um ente distinto da natureza que explique a existência da mesma tem sua raiz, em última instância, [...] na incapacidade de explicar a vida orgânica e, particularmente, a humana como um fato natural”<sup>11</sup>. Porém

Esta incompreensibilidade não te dá o direito de explicar o inexplicável por meio da suposição de seres inventados; não te dá o direito de fazer-te ilusões e enganar-te a ti mesmo e aos demais com uma explicação que nada explica; não te dá o direito de converter teu “não-saber” das causas naturais e materiais em um “não-ser” das ditas causas, a divinizar tua ignorância, a personifica-la e a objetiva-la em um ser que deveria tirar-te de cima de tal ignorância, mas que na realidade não expressa mais do que a natureza dessa ignorância tua, que da ausência de explicações positivas e materiais<sup>12</sup>.

Essa crença se sustenta nos dias de hoje mediante a necessidade religiosa de atribuir a ideia de vontade às causas naturais, pois só assim o homem sentir-se-á seguro diante do imprevisível mundo natural, dando-lhe um mestre que possa governar o mundo a favor dos homens (pois este ser transcendente, diferentemente da natureza, se “compadece” com a miséria humana). As religiões tentam, nesse processo, superar a dependência que o homem tem da natureza direcionando-a ao ser divino. Desse modo, o homem se torna submisso à divindade que em troca lhe dá a falsa ilusão de proteção, já que a opressão ocasionada pela natureza pode ser controlada por este ente que supostamente lhe deu origem. A natureza passa a ser então compreendida como um mero objeto, um instrumento que deve suprir as necessidades imediatas humanas, mas que o homem tem, ao mesmo tempo, que superar para garantir os benfazejos da vida no além-terreno.

A falsa superação que se faz do poder que a natureza exerce sobre os homens, empreendida pelo cristianismo, é na realidade uma negação do mundo natural como o verdadeiro, o original. Para a religião cristã o mundo é um núcleo de sofrimento e transitoriedade. Segundo sua crença, devemos retirar da natureza o que for necessário para usufruirmos os bens do mundo transitório cuja meta é uma além-vida sem corporeidade, sem materialidade e, portanto, sem escassez, sem miséria, sem penúrias. Assim, a religião cristã promulga a negação do mundo material em favor de um mundo imaterial-ilusório. Nesse mundo há uma falsa superação da indigência humana (em planos extraterrenos); mas na realidade trata-se de uma alienação e subsequente submissão a um governo despótico sobre-

<sup>11</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 39.

<sup>12</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 48.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

humano. Esse governo do além retira do homem sua propriedade sensível, deixando-o mais miserável ainda e, retira da natureza sua autonomia e força criadora para transpô-la ao ser divino.

A partir dessa interpretação, o filósofo nos traz ainda as implicações do domínio que o homem supõe ter sobre a natureza, ainda que inconscientemente esteja vinculado à ideia de divindade, enquanto que nega a autonomia dela e a validade de uma interação positiva entre o seu ser e o mundo. O exame da relação homem-natureza-divindade tem por objetivo contestar o ideal de subordinação da natureza frente a uma entidade metafísica e mostrar que o homem é um ser real, portanto inerente e dependente do mundo, e a natureza é anterior à ideia de Deus, pois o concreto vem antes do abstrato imaginado.

### **Utilitarismo Cristão: a natureza instrumentalizada**

A teologia cristã tenta explicar o incompreensível do humano e da origem do mundo conduzindo-os em narrações criacionistas, pelo campo fabuloso do imaginário. Através de um conteúdo imagético a religião se ergue no mundo, fantasiando a existência de outros mundos além e acima deste. A religião, que tenta satisfazer as necessidades humanas, é vinculada à afetividade ao reintegrar o homem nas conjunções simbólicas dessas imagens. Serrão afirma que a designação da religião enquanto patologia psíquica “diagnóstica uma situação de quase delírio e o grau de excessividade que esta faculdade pode atingir quando se torna onipotente e se sente capaz de ultrapassar todos os limites”<sup>13</sup>.

O homem busca suprir suas necessidades no ser divino, mas, exclusivamente busca suprir a necessidade de fruir a independência de ser distinto da natureza, por isso sempre procura, nas religiões, trazer os entes o mais próximo possível de uma identificação humana distanciando-se da natureza para poder exercer seu controle sobre ela. “O sentimento de dependência referente à natureza é [...], certamente, causa da religião; todavia a superação de tal dependência, a liberdade referente à natureza é a finalidade da religião”<sup>14</sup>.

A distinção entre o ser do homem e a natureza e, conseqüentemente, entre o ser divino e a natureza, acontece primeiramente de forma tal quando o homem tenta superar o sentimento de limitação e opressão que a natureza lhe provoca; logo depois, ele se une aos outros homens para constituir um ente comum existente apenas em seus pensamentos e representações, objetos de sua consciência e de seus sentimentos de dependência. Em seguida, os homens subordinam sua existência

<sup>13</sup> SERRÃO, Adriana. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. *Op.cit.*, p. 64.

<sup>14</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 57.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

física à existência moral deste ser imaginado, transplantando o poder da natureza, sobre a vida e a morte, para este ser, que a utiliza como instrumento do seu poder político e moral<sup>15</sup>.

Desse modo, o segredo da teologia apoia-se na “contradição entre a necessidade da natureza e a arbitrariedade do homem, entre a natureza como ela é na realidade e a natureza como ela se apresenta ao homem”<sup>16</sup>, o homem religioso procura justificar todo o desconhecido, tudo o que não pode explicar racionalmente, através da existência de Deus. O homem que se sente sozinho, que não tem conhecimento da riqueza que o outro homem pode lhe proporcionar, tende a buscar sua satisfação em Deus. Desta maneira, como expressa o autor, “o desesperado sentimento de vazio e da solidão necessita de um Deus no qual exista sociedade”<sup>17</sup>. Isso se deve ao fato do homem isolado sentir-se limitado diante da magnanimidade da natureza, do universo e, a partir de Deus, (ideal do gênero não objetivado nos outros homens) ele tenta suprir seus desejos, suas carências.

É importante destacar que a limitação no indivíduo, que de acordo com Feuerbach leva o homem a crer em uma entidade absolutizada e transcendentalizada, não está veiculada à razão em si, mas apenas a uma consciência deturpada de si mesmo conduzida pelo desejo íntimo de satisfação. O homem consciente deve ter a convicção de que sua limitação individual pode ser superada. Vemos esta superação individual na prática, homens unidos tendem a conseguir resultados melhores do que o homem isolado e, podemos observar isto mediante o progresso histórico do conhecimento: o gênio não é nada mais do que a soma de todo conhecimento anterior que se eleva para além dele.

Toda limitação individual que o homem supre em Deus é na verdade um retorno a si mesmo na busca por suas próprias características, por seus predicados genéricos, por sua raiz natural. Os predicados divinos são privações que o homem se faz, inconscientemente, da sua própria constituição. Todavia ao enriquecer Deus o homem se nega, nega sua corporeidade, e nega o mundo natural do qual surgiu e deve sua existência, estabelecendo, desse modo, o ideal de um ser castrado que se desvia da imanência.

O cristianismo concebe o homem e a natureza desvinculados do real. Pois, para engradecer a entidade divina e fortalecer sua crença, se faz necessário: primeiro, mostrar que Deus é quem cria o mundo, e, portanto, o próprio homem; segundo, evidenciar que este mundo é passageiro e que devemos poupar esforços para fazer dele um lugar digno de se viver, já que é a partir do sofrimento que o homem se torna um com Deus. Então quanto mais o homem se diminui, mais sua divindade se enaltece. Quanto mais o homem se conforma com sua realidade e a aceita, mesmo em condições sobre-humanas, mais glórias ele receberá na outra vida. Feuerbach dirá exaustivamente que a única

<sup>15</sup> Cf. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 67-68.

<sup>16</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 81.

<sup>17</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p. 97.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

vida que temos é esta que vivemos, que o corpo faz parte do nosso ser e que, devemos exaltar a natureza e concebê-la como uma “mãe”.

A religião da natureza é o panteísmo, porém, valorizam demais a natureza, como, ao contrário, o idealismo e o cristianismo desprezam-na demais, fazem dela um nada. Nosso dever é evitar os extremos, os superlativos ou os exageros do sentimento religioso e considerar, tratar e reverenciar a natureza como ela é – como nossa mãe<sup>18</sup>.

### **As religiões naturais: a natureza divinizada**

As religiões naturais realizam seus cultos glorificando os aspectos e fenômenos naturais. Suas preces e evocações são dirigidas exclusivamente à natureza. O homem religioso transforma os entes sensíveis em entes espirituais, suprassensíveis, existente apenas na representação e imaginação humana que, através da fé, aceita sua existência como se fossem entes verdadeiros e efetivos. Os homens antigos chegaram mesmo a converter “o ente natural em um ente de alma, subjetivo, a saber, em um ente humano”<sup>19</sup>, no qual a natureza, posteriormente era submetida a sua alma e as suas paixões.

Todavia, as religiões naturais agem de modo inverso ao cristianismo, que subjetiviza e absolutiza a essência humana transformando-a em um ser original e autônomo ao qual a natureza é submetida a seu pensar e vontade; ela diviniza os fenômenos naturais e só depois subjetiviza-os, passando a cultuá-los como entes divinos, precisamente devido as suas semelhanças com o ente humano. As religiões naturais não instrumentalizam a natureza como faz o cristianismo, pelo contrário, julga como infração, como sacrilégio, retirar da natureza elementos além do que necessário para sobreviver; ela respeita e dignifica todos os bens materiais que foram “doados” pela natureza.

A ideia da essência humana como um ente objetivo distinto do homem, ou mais breve, a objetivação da essência humana tem como condição prévia a personificação da essência objetiva e distinta do homem, ou a ideia de natureza como essência humana, somente por este motivo, vontade e inteligência aparecem ao homem como forças elementares ou causas da natureza, porque os efeitos involuntários da natureza lhe aparecem a luz de sua inteligência como intencionados, como fins, e deste modo, a natureza se apresenta como um ente dotado de inteligência ou, ao menos, como puro objeto da inteligência<sup>20</sup>.

Nesse sentido o autor explicita que o homem busca uma causa primeira e universal e, portanto, dirige-se à essência das coisas e aos fenômenos naturais supondo que exista neles uma intencionalidade, um fim. Não encontrado este fim, ele cria em sua imaginação um ser que atribua finalidade às ações naturais. Desse modo, podemos apreender a religião como inata ao homem, no

<sup>18</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Petrópolis, RJ: Papyrus, 1989, p. 40.

<sup>19</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 52-53.

<sup>20</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 79-80.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

sentido deste sentimento de que a existência humana depende de algo exterior a ela, originária e primeira e na qual o homem é inteiramente dependente, ou seja, a própria natureza. As religiões naturais possuem, de certo modo, este ideal positivo que mostra a dependência do homem em relação à natureza.

Todavia, os elementos naturais possuem movimentos próprios que atuam independentes de uma vontade, força ou consciência divina. Esses compostos naturais se agrupam de acordo com a necessidade de formular determinadas substâncias (químicas ou orgânicas), uma necessidade interna que conduz o mundo e, até mesmo, o cosmos. “O ato da concepção é estabelecido antes de qualquer vontade; a atividade da natureza está, desse modo, antes da atividade da consciência e da vontade. [...] A natureza deve ter uma existência anterior daquele que se diferencia dela o qual opõe a si como produto do querer e do pensar”<sup>21</sup>.

Para o filósofo a concepção de natureza, entendida igualmente como “espírito”, “não é mais que um termo geral para designar entes, coisas, objetos que o homem diferencia de si mesmo e de suas próprias produções”. O autor alerta que não devemos compreendê-la como personificação ou pelo viés da mistificação, pois aqui ela é entendida como separada da realidade e não em acordo com o critério do real, portanto, físico-orgânico, de sua existência.

A filosofia da natureza desenvolvida pelo filósofo de Landshut não visa uma teleologia, pois ele não busca uma causalidade para o mundo, a solução de sua existência em fins determinados. Sua filosofia visa apenas dignificar a Natureza como um ente real cujo valor está intrínseco a esta, portanto, mostrar sua autonomia diante da concepção de seres fantásticos. “A natureza, em geral, não é produto de um ente espiritual, a saber, de um ser com vontade e sabedoria ou pensante”<sup>22</sup>, ela é consequência de movimentos mecânicos<sup>23</sup>, isto é, naturais.

### **A natureza não-humana: ser *causa sui***

Feuerbach, por ser um filósofo aforístico, não formula um conceito acabado de natureza. Todavia, ao fazermos o estudo aprofundado de suas obras, concluímos que sua intenção não é a de definir o termo “Natureza”, mas de explicitar os modos como ela se constitui, diferentemente do que a

<sup>21</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 37.

<sup>22</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 36.

<sup>23</sup> A concepção de natureza feuerbachiana não pode ser compreendida como atomístico-mecânico, no sentido cartesiano, pois para o autor ela não é movida por grandezas matemáticas (já que estas são apenas conceitos que delimitam a existência e abrangência da natureza). Natureza é ela mesma um existente real, objetivo, que se expressa através de fenômenos físico-químico-biológicos e não se mostra apenas para o entendimento humano, constituindo-se de efeitos sensíveis, visíveis (macroscópico ou microscopicamente) para o homem. Cf. CHAGAS, Eduardo Ferreira. *A Majestade da Natureza em Ludwig Feuerbach*. In: *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Orgs.: CHAGAS, Eduardo Ferreira; REDYSON, Deyve e PAULA, Márcio Gimenes de. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2009, p. 37-65.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------



crença religiosa vê nela, seus atributos materiais e articulações sensíveis que interagem com o humano, determinando-o e auxiliando-o em seu *modus vivendi*, dotando suas criaturas dos meios necessários para participar dessa *struggle for life*<sup>24</sup>.

A natureza é uma essência objetiva, tudo que ela cria está ligada a condições diversas que propiciam tal criação. Nela há um contínuo fluxo, como Heráclito já havia concluído na promulgação do *panta rei*, evidentemente que não foi de um elemento único, como pensara Heráclito, de onde os seres surgiram e ainda surgem, mas da interação-tensão destes numa atmosfera propícia.<sup>25</sup> Somos exemplos dos resultados de constantes evoluções que ocorreram e ocorrem no interior da natureza. O filósofo mostra que

A natureza opera e forma em todas as partes unicamente em relação e com relação [...], unicamente a partir da necessidade e com necessidade. Mas, tampouco esta necessidade da natureza é humana, a saber, lógica, metafísica ou matemática: não é, em geral, abstrata, porque os entes naturais não são antes de pensamento, não são figuras lógicas ou matemáticas senão entes reais, sensíveis, individuais; é sensível e, portanto, excêntrica, excepcional, irregular; necessidade que como consequência destas anomalias da fantasia do homem aparece como liberdade ou, pelo menos, como produto da liberdade<sup>26</sup>.

O que cria deve dar também as bases de subsistência necessárias. A criação pressupõe conservação e, para o autor, estas são inseparáveis<sup>27</sup>. Ora, se a natureza cria um ser é porque nela já se constituiu todo o meio e toda base de elementos necessários para a manutenção da fisiologia deste ser. Nesse sentido, “é evidente e irrefutável que devemos nossa conservação exclusivamente aos efeitos, as causalidades e as forças características dos entes naturais e, chegado a este ponto, nos vemos obrigados a concluir que devemos nossa origem unicamente a natureza”<sup>28</sup>. No entanto, as criaturas naturais não contêm um fim determinado, pois a natureza não possui intencionalidade em seus atos, não, ao menos, no sentido teleológico. Pois, ela se expressa a partir da utilidade e da regularidade baseando-se apenas na necessidade do gênero ou da espécie<sup>29</sup>.

Todavia, Feuerbach afirma que não sabemos de fato o que a natureza é em si, pois ela está compreendida só em si mesma, “ela é o ente cujo conceito não depende de nenhum outro ente”; é a partir dela que distinguimos o que uma coisa é e o que ela é para nós; ela é a única que não podemos aplicar normas, mas apenas descrever seus fenômenos aplicando-lhe conceitos e classificando seus

<sup>24</sup> Referência feita pelo tradutor de *La esencia de la religión*, Tomás Cuadrado Pescador.

<sup>25</sup> Feuerbach esclarece textualmente que sua época demonstrou a identidade dos fenômenos inorgânicos e orgânicos, todavia estavam longe de chegar ao fundo da compreensão da problemática da formação da vida orgânica. Contudo, ele declara que ao menos sabemos que a vida não pode ter uma origem distinta da natureza. Cf. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 42-43.

<sup>26</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 87.

<sup>27</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 39.

<sup>28</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 40.

<sup>29</sup> Cf. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p. 90.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

padrões em leis. O filósofo explicita que entende sobre natureza, em conformidade com o que falamos, “o cerne de todas as forças, coisas e seres sensíveis que o homem distingue de si como não-humanas; [...] um ser múltiplo, popular, real, perceptível com todos os sentidos”<sup>30</sup>.

Por mais que sejamos seres racionais essencialmente infinitos, não temos condições materiais de apreender toda nossa realidade circundante, pois somos seres individualmente determinados por uma série de fatores, tanto naturais quanto sociais. Compreendemos apenas, diante do que nos é dado, que natureza é *causa sui*, e indizível em termos conceituais. Feuerbach declara, então, que

Natureza [...] é tudo que tu vêes e não provém das mãos e dos pensamentos humanos. Ou, se quisermos penetrar na anatomia da natureza, ela é o cerne ou a essência dos seres e das coisas, cujos fenômenos, exteriorizações ou efeitos, nos quais exatamente sua essência e existência se revelam e dos quais constam, não tem seu fundamento em pensamentos, intenções ou decisões do querer, mas em forças ou causas astronômicas, cósmicas, [...] químicas, físicas, fisiológicas ou orgânicas<sup>31</sup>.

A natureza é primeira porque é dela que tudo surgiu, embora a consciência humana seja superior ela não é a primeira, pois, posterior à natureza, sendo esta a dar origem àquela. Desta forma, observamos que na natureza o que cria é a necessidade, de forma tal que o autor demonstra que na natureza não é um ser racional, perfeito, quem criou os olhos, mas sim a necessidade de ver. Nessa inconstância da natureza se manifesta uma dialética de acontecimentos que se integram nas categorias da autonomia e necessidade para dar origem aos seres.

### **Homem: ser da e na natureza**

A negação que o homem faz de si mesmo e do mundo são reflexos da alienação religiosa que subjuga o homem em armadilhas afetivas religiosas que são extremamente difíceis de serem destruídas. O cristianismo instrumentaliza a natureza e, na maioria das vezes, não tem consciência de que o humano não é mais do que um produto dela. Devemos ter consciência de que nosso corpo/mente depende inteiramente dos recursos naturais. Mas é necessário, para que o homem possa emancipar-se, e para que a natureza adquira novamente seu lugar de destaque, a conscientização humana. Através desta o homem se tornará responsável por sua vida e trabalhará ativamente para fazer deste mundo o melhor lugar para se viver e, através de uma política verdadeiramente participativa, propiciará uma vivência ética entre os homens e entre estes e a natureza.

O homem é, para Feuerbach, corpo e consciência, é a completude de sensibilidade e razão. O corpo “é apenas aquela força negativa, limitadora, compacta, opressora sem a qual nenhuma

<sup>30</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Petrópolis, RJ: Papyrus, 1989, p. 81.

<sup>31</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Petrópolis, RJ: Papyrus, 1989, p. 105.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – N°. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

personalidade é concebível. [...] O corpo é o fundamento, o sujeito da personalidade”<sup>32</sup>. A vida do homem está relacionada com a corporeidade. No entanto, é nas categorias racionais que o homem pode compreender e interpretar o mundo. É a partir da consciência que o homem possui, a capacidade de desenvolver-se intelectualmente, que lhe é dado a possibilidade de atingir sua emancipação.

A consciência é adquirida através do pensamento-conhecimento, que é permeado pelo processo de objetivação. Somente o homem possui a capacidade de sair de si e se ver diante de si mesmo, ele é o único capaz de analisar e apreender a infinitude do universo, logo ele só pode ter uma mente tão infinita quanto o objeto em questão. Deste modo, a contemplação do infinito é a afirmação da própria contemplação da infinitude da consciência, obtida através da objetivação, quando a essencialidade torna-se um objeto do consciente.

Para Feuerbach, não há no homem uma separação entre homem natural e homem social. A natureza humana é social, necessariamente social, pois, para chegar-se ao nível da consciência é necessário expandir-se no processo de comunicabilidade, permeado pelo outro, caracterizando a existência do fenômeno social, na busca pelo ser inteiro. Assim, a essência do homem está contida na comunidade, na união do homem com o homem fundada a partir da distinção do eu com o tu, e não no individualismo religioso que só promove o valor absoluto da imaginação, através da arbitrariedade. Ainda que unido somente a um, o homem tem uma vida comunitária, humana.

A comunicabilidade, ou do mesmo modo, a sociabilidade, promove a possibilidade de objetivação. Desta forma, o conhecimento de si mesmo e da natureza sensível define o homem enquanto ‘corpo consciente’, ou seja, para Feuerbach, o homem é um ser social dotado de um corpo consciente. Determinado por sua essência e pela natureza e, também, diante do outro, o homem se torna pleno, elevado a inúmeras possibilidades e, pela sensibilidade, efetiva-se no mundo, na ação comunitária.

Desse modo, o autor salienta que são os sentidos que nos proporcionam a essência das coisas, atribuindo ao conhecimento o grau de completude inerente à apreensão da realidade natural, pois nenhum pensamento ocorre fora de um corpo sensível, ou seja, o pensamento se verifica por intervenção da sensibilidade, de maneira tal que, de acordo com Feuerbach, verdade, realidade e sensibilidade são consideradas idênticas.

A sensibilidade é, assim, o viés que dá mobilidade à ação objetiva, estabelecendo a unidade entre atividade teórica e prática. A *Sinnlichkeit* abrange não apenas a sensorialidade, mas, também, a sensibilidade referente ao princípio do sensualismo feuerbachiano que abarca a totalidade humana, o sentimento. O homem existe como corpo e a partir de sua funcionalidade, por meio dos sentidos,

<sup>32</sup> FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Op. cit., p. 112.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

estabelece, com a realidade material e humana, uma relação receptiva e dinâmica entre passividade e atividade.

Feuerbach mostra que o homem por ser constituído de inteligência e vontade, lança seu próprio ser na compreensão de si e do mundo, ele entende o homem, portanto, como sujeito ativo. A atividade humana se desenvolve através de inúmeras possibilidades evidenciando a atuação do homem como co-operador ativo do mundo e consciente de suas determinações naturais. O filósofo defende o homem total, a completude do homem racional ligado à natureza e consciente da dependência física que possui dela. Assim, vemos que Feuerbach já evidenciava em suas obras a necessidade do cuidado do homem para com a natureza, do respeito para com os animais e plantas, evitando assim a extinção destes.

Quando o homem se sobrepõe a natureza através de sua constituição ele tende a torna-la um ente abstrato, reproduzindo-a a partir de um vertente supranaturalista. O autor defende o argumento de que é a natureza que produz de si mesma o homem; ou seja, ela é a essência, da qual o homem nasceu e pela qual mantém a sua existência. A natureza é

[...] o que compreende o homem; ela é aquilo cuja aniquilação significa também a própria aniquilação da existência humana; somente através dela consiste o homem, somente dela depende ele em toda a sua atividade, em todos os seus passos. Arrancar o homem da natureza significa o mesmo que separar os olhos da luz, o pulmão do ar, o estômago dos alimentos e querer fazer deles seres existentes por si mesmos<sup>33</sup>.

Feuerbach defende o homem total, a completude do homem racional ligado à natureza e consciente da dependência física que possui dela. Aqui, razão e sensibilidade se encontram unidos para a formulação de um entendimento integral da realidade e de si mesmo. A atividade humana se desenvolve através de inúmeras possibilidades evidenciando a atuação do homem como co-operador ativo do mundo e consciente de suas determinações. O homem, unido a uma comunidade, enfrenta todas as suas dificuldades munido dos predicados gerais da humanidade. Deste modo, possibilitaremos uma atuação responsável do homem na preservação da vida e, também, no voltar-se ao mundo, consciente deste, na realização de suas tarefas e trabalhando para o bom convívio natural e social.

### Referências Bibliográficas

- ARVON, Henri. *Feuerbach: sa vie, son oeuvre*. Paris: Presses Iniversitaires de France, 1964.  
 CHAGAS, Eduardo Ferreira; REDYSON, Deyve (orgs). *Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.  
 CHAGAS, Eduardo Ferreira; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de (orgs). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2009.

<sup>33</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Petrópolis, RJ: Papyrus, 1989, p. 91.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – N°. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

CHAGAS, Eduardo Ferreira. *A primazia da Natureza ante o espírito*. In: Revista *Trans/Form/Ação*. Vol. XXXII / N.2 (2009), p. 119-133. [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732009000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732009000200007&script=sci_arttext). Acesso em: 15 de agosto de 2011.

\_\_\_\_\_. *A autonomia da natureza em Ludwig Feuerbach*. In: VASCONCELOS, J. G. (Org.). *Filosofia, educação e realidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2003, p. 69-79.

FEUERBACH, Ludwig. *La esencia de la religión*. Tradução de Tomás Cadrado Pescador. 2ª Ed. Madrid, Espanha: Editorial Páginas de Espuma, 2008.

\_\_\_\_\_. *A essência do cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Sobre a essência do cristianismo em relação com O Único e a sua propriedade de Stirner*. In: *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa, Portugal: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

\_\_\_\_\_. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

SERRÃO, Adriana. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 224-236
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------